

Vida DE
SANTA AUGUSTA



PADROEIRA DE SERRAVALLE
VITTORIO VENETO

PORTOGHESE

Capa:

Santa Augusta Lit. Longo (part) 1841

Verso-Capa:

Santuário de Santa Augusta, capela da Santa.

Sarcófago de pedra que há séculos abriga as relíquias de Santa Augusta (part.).

VIDA DE
SANTA AUGUSTA
Padroeira de Serravalle
Vittorio Veneto

**Texto de
Rino Bechevolo**

**Fotos de
Piero Zaros**

Redação e edição :
Pietro Paolo Carrer

Índice

Prefácio	7
Sobre o Monte Marcantone	9
Nascimento de Augusta	11
Augusta recebe o baptismo	13
Os pães transformam-se em flores	15
As suspeitas do rei Matrucco	17
O martírio	20
Tragédia de um pai	23
A glória de Augusta	25
Valor de uma lenda	27
Oração de Santa Augusta	30

Prefácio

Tenho orgulho em apresentar esta breve biografia de Santa Augusta, escrita com muito estilo e atenção por Monsenhor Rino Bechevolo, que recolheu notícias, traduções e legendas que acompanham durante séculos a devoção e o culto à santa padroeira de Serravalle.

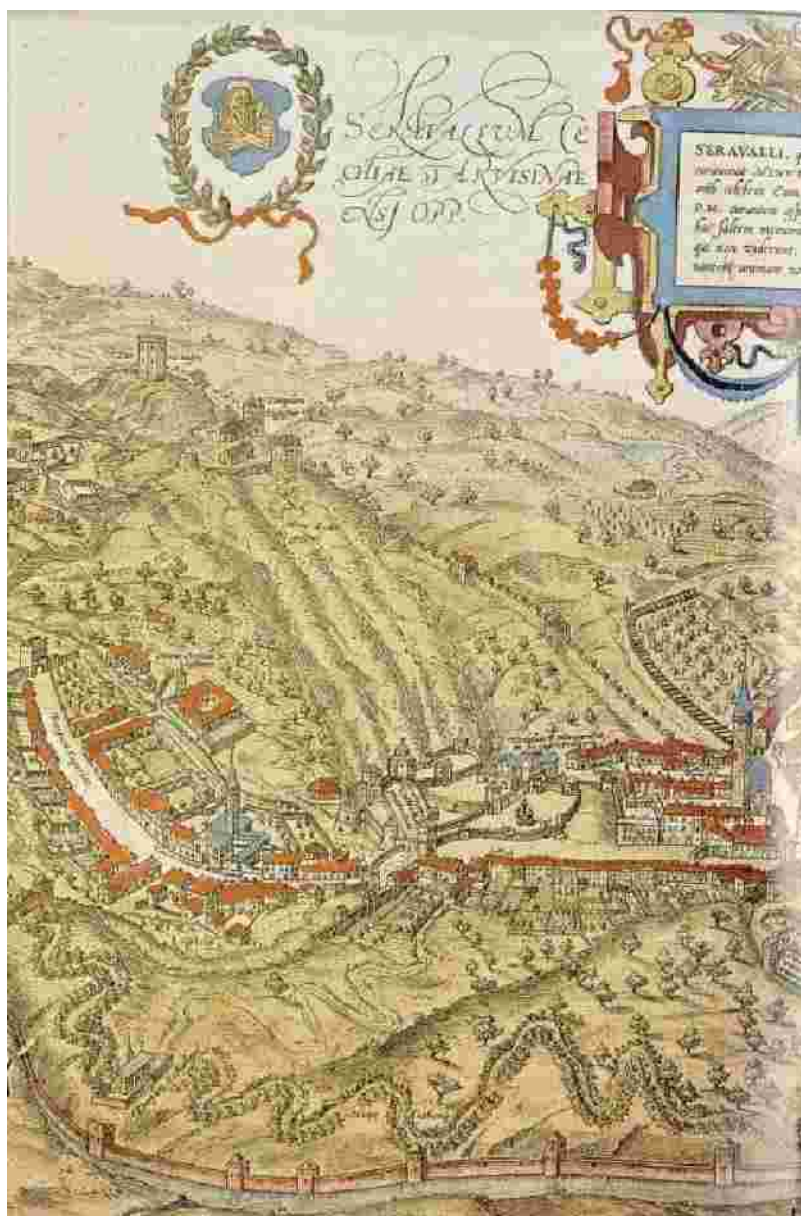
A curta existência de Santa Augusta, vivida na luz da fé, na pureza dos sentimentos e na caridade e amor ao próximo, continua a exercer fascínio em todos aqueles que conhecem a sua história e a veneram no santuário que contém as suas relíquias.

Desde o seu nascimento até ao seu martírio, o seu testemunho de amor e fé em Cristo são uma mensagem de especial relevância nesse momento atual em que o Jubileu do ano 2000 nos convida a renovarmo-nos espiritualmente e a viver com mais força os ensinamentos evangélicos.

Agradeço ao Monsenhor Rino Bechevolo por nos ter apresentado com tanta eficácia a nobre figura de Santa Augusta e espero que muitos a queiram conhecer e imitar.

Vittorio Veneto, 27 de Março de 2000

+Alfredo Magarotto
Bispo



SEMPER PARATI
SUNT AD
SERVANDUM

SERAVALLI, p
veneranda sedes
est ultra Cam
P.M. anthoni
ho filius p
qu non dicitur
veneranda

NO MONTE MARCANTONE

As pessoas preferem chamar-lhe Monte de Santa Augusta, porque a meio da subida, num declive a oeste, se encontra a Igreja dedicada à jovem virgem que foi martirizada no local à volta de dezasseis séculos atrás.

Aqueles que vivem em Serravalle são muito devotos de Santa Augusta e veneram-na como padroeira em todos acontecimentos, felizes ou tristes, das suas vidas.

A vida breve de Santa Augusta foi passada no próprio Monte Marcantone, numa época muito remota, quando o Império Romana entrava em decadência e a população da Europa do Norte e da Ásia iniciava o seu movimento de migração em direcção a terras mais férteis das regiões do Mediterrâneo.

Em 402 D.C, o rei Visigodo, Alarico, invadiu a Itália com a intenção de ocupar Roma, o que realmente conseguiu em 24 de Agosto de 410.

Porém, antes desse facto ocorrer, aconteceu algo que o mundo naquele momento não poderia imaginar: um povo alemão, comandado por Alarico I invadiu a região de Veneza e conquistou Ceneda.

A tradição diz que, devido a essa situação, Alarico I estabeleceu na fortaleza do vale de Serravalle uma guarnição às ordens de um de seus melhores capitães, de nome Matruccho.

Extraída da obra de G.Braun, F.Hogenberg: Civitates Orbis Terrarum. Coloniae Agrippinae, 1572, in fol. (part).

Com isso, Alarico pensava garantir um caminho livre na direcção dos Alpes, em caso de retirada.

Historiadores afirmam que os Romanos – provavelmente por Júlio César entre os anos de 58 e 48 a.C. – haviam já construído fortificações na montanha, que foi chamada de Serravalle, devido à sua importância estratégica.

Com o passar dos séculos, ao redor das muralhas de defesa, foram construídas casas para acolher um pequeno número de habitantes.

Os historiadores acreditam que o anúncio do Evangelho chegou cedo, muito provavelmente em razão de alguns missionários ou de ações realizadas pela comunidade cristã residente em Aquilea.

Matrucco, depois de ocupar Serravalle, instalou-se numa fortaleza (talvez ele mesmo a tenha mandando construir) sobre o monte de Mercantone.

O soldado carregava no sangue as tradições do seu povo, adorava os deuses de Odin e, portanto, perseguia os cristãos.

Sempre em busca de mais poder e riqueza, não demorou a estender os seus domínios sobre uma área grande, que compreende praticamente toda a região dos montes do Veneto e também parte do que hoje é a região de Friuli.

Depois de ter alcançado todos os seus objetivos e de se convencer que se tinha transformado num personagem muito poderoso e com muitos subordinados, assumiu então o título de “rei”. Assim diz a antiga lenda.

O NASCIMENTO DE AUGUSTA

Da sua fortaleza no monte Marcantone, Matrucco exercia uma forma de governo déspota, tendo sempre ao seu lado a sua jovem esposa que o seguiu até à Itália e que trazia felicidade à sua vida.

O ano era 410 AD.

Um dia, entre os muros do castelo, falava-se de uma boa notícia: a esposa do rei esperava um filho.

Porém a felicidade de Matrucco não durou muito e a boa notícia transformou-se em receio: a sua esposa não estava bem e temia-se um parto difícil.

A lenda diz que Matrucco, desesperado, foi ajudado por um amigo – cujo nome se ignora – um fiel subordinado que morava numa fortaleza nas alturas de Piai, nas localidades de Fregona.

Como hóspede no local, a boa esposa do rei tinha tudo aquilo que se poderia desejar naquele momento difícil e pôde contar também com o afeto e a dedicação de Cita, a governante da casa.

Nascia entre elas uma amizade verdadeira, e uma tal confiança que levou a jovem mãe a entregar aos cuidados da sua fiel amiga Cita, a pequena criança que daria à luz.

E, nessas circunstâncias, ela deu à luz a filha Augusta. Sua mãe teve apenas o tempo de contemplar o rostinho de sua filha e depois, com um suspiro de amor e sofrimento, fechou os seus olhos para sempre.

Assim diz a lenda.

Ainda hoje o povo de Piai olha a colina, do alto, com ternura, ao pensar na morte da mãe de Santa Augusta.

Matrucco, para aliviar a dor da perda da sua esposa, dedicou à sua bebé todo o amor que podia.

Deu-lhe o nome de Augusta, como um presságio de um futuro maravilhoso e confiou-a ao amor de Cita.

A bondosa mulher de Piai mudou-se para o castelo de seu amo em Serravalle e transformou-se numa segunda mãe para a pequena Augusta, que crescia ao seu lado como um anjo.

Matrucco tratou de educar a filha de acordo com os costumes e tradições de seu povo.

Porém ela, criada pela sua boa ama, logo percebeu a falsidade que existia na religião de seu pai, que venerava Odin e outros deuses pagãos.

Com o passar dos anos, o interesse de Augusta voltava-se cada vez mais para a nova religião de que Cita lhe vinha sempre falando e era exercida em secreto pelos cidadãos de Serravalle, desafiando a perseguição do rei, seu pai.

AUGUSTA RECEBE O BATISMO

A lenda diz que naqueles tempos, no topo da montanha Marcantone, numa gruta escavada na rocha, vivia um velho ermitão que se dedicava só a orações e penitências.

Cita e os habitantes cristãos de Serravalle dirigiam-se a ele em segredo para ouvir falar do Senhor, rezar juntos e ouvir seus conselhos.

Um certo dia, Cita levou Augusta para o visitar, em segredo.

Este, naturalmente, incentivou a menina a amar o Senhor e colocar em prática as suas virtudes de cristã com coragem.

Outras visitas ao ermitão se sucederam. Este, com seus ensinamentos, foi preparando Augusta para receber o batismo e abraçar o cristianismo para sempre.

Ninguém dava conta, ninguém suspeitava, nem mesmo o seu pai, mas, em segredo, Augusta refletia sobre a decisão que marcaria para sempre a sua vida.

Por esta razão, Augusta sacrificava-se e rezava intensamente confiante em Deus.

E finalmente chegou o grande dia, quando o santo ermitão a batizou com as águas revitalizantes da Graça. Cita, assistia a tudo ao seu lado e mal cabia em si de alegria. Havia alcançado o objetivo principal da missão que o Senhor lhe confiou.

Já cristã, Augusta vivia entre orações e a caridade; frequentemente descia do seu castelo e entrava nas casas dos cristãos perseguidos por seu pai para os ajudar, assim como Jesus ensinava no Evangelho (Mateus 25, 34-46).

Augusta não entrava somente nas casas, mas também nos corações das pessoas pobres; participava em encontros

secretos de oração que os cristãos de Serravalle realizavam em lugares escondidos.

OS PÃES TRANSFORMAM-SE EM FLORES

A lenda narra um episódio que, nesta altura, não podemos deixar de contar.

Augusta recolhia apressadamente os pães da mesa de seu pai – principalmente nos dias de festa e banquetes – para dar aos pobres que tinham fome e não podiam esperar – deixava de lado os seus compromissos e enchia a cesta de pães.

Depois corria pelo caminho que levava a Serravalle.

Porém, de repente, a meio do caminho, encontrou o seu pai, seco e pouco sociável como sempre, que se dirigia ao castelo a cavalo com a sua escolta.

O comportamento da menina fê-lo suspeitar de algo.

- "O que leva dentro dessa cesta, Augusta?"

Ela, muito tranquila, respondeu:

- "Flores de campo, Senhor."

Não é um flor aos olhos de Deus a caridade aos pobres?

Matruco, desconfiado, queria certificar-se: abre do alto com a sua espada a cesta da filha e ... vê, no lugar dos pães que ela escondia com tanto amor, flores do campo.

Até hoje, depois de passar tantos séculos, no meio da subida que leva ao santuário, vê-se na terra uma pedra grande, brilhante e em parte desgastada. Seria este o lugar onde, segundo a lenda, aconteceu o que acabamos de contar.

Por esta razão, os peregrinos fazem questão de tocar a pedra. Ao lado foi feita uma pintura de afresco que evoca a cena do encontro de Augusta e seu pai.



No fundo o Col. Visentin (m.1763)

No centro o Monte Mercantone (m.1432)

Abaixo o Santuário de Santa Augusta com as suas capelas.

AS SUSPEITAS DO REI MATRUCCO

Chegamos ao final trágico da vida de Augusta; ou melhor, ao triunfo da sua fé e pureza sobre as brutalidades deste pobre mundo.

Matrucco não estava nada satisfeito com o comportamento da sua filha. Não praticava os cultos aos deuses, celebrados com tanta honra pela sua tribo, afastava-se das festas mundanas que tinham no palácio, e pior, rejeitava obstinadamente toda e qualquer proposta de casamento que poderiam garantir-lhe o prestígio, a riqueza e a comodidade de um trono real.

Como explicar esse seu retiro e humildade, tão inapropriados da sua classe social e toda a atenção que ela demonstrava ao povo e aos marginais que seu pai aborrecia com tanto desprezo? E, ainda por cima, onde ia quando saía em segredo do castelo?

A partir dessa última pergunta, uma dúvida surgia em Matrucco, que não o deixava descansar em paz. Talvez a nova e tão odiada religião dos cristãos tivesse conquistado o coração de sua filha?

Não queria acreditar, porém devia certificar-se e investigar.

Impaciente, Matrucco manda chamar um dos seus criados, o mais esperto para vigiar Augusta e o informar de tudo.

O criado, orgulhoso por ter recebido tal tarefa e ansioso por ganhar a confiança de seu senhor, a partir de então, não perde mais de vista a boa princesa, que não suspeitava de nada.

Alguns dias depois, saindo do castelo, Augusta começou a descer tranquilamente a Serravelle. O criado seguiu-a, fiel à sua tarefa, sem ser visto e muito rápido.

Quando chegou à aldeia, Augusta entrou numa casa pequena, onde, por costume, os cristãos se reuniam para orar e praticar os serviços religiosos. Ali, se ajoelhou no altar do Deus verdadeiro, expressando o seu sentimento de fé e amor.

O servo de Matrucco entrou às escondidas na casa e testemunhou tudo à distância. Não tinha dúvidas: Augusta era cristã.

Sem esperar mais um segundo, pondo fim à sua tarefa, subiu correndo a cansativa subida de Mercantone, ansioso por informar tudo ao seu amo. A denúncia do servo marcou o início do martírio de Augusta.

Descrever a ira, ou melhor, a desorientação psicológica de Matrucco diante de uma realidade tão temida e tão dura, é impossível. Pode somente imaginar-se.

O imenso orgulho, que devido à sua educação marcava o seu carácter, prevaleceu sobre o seu instinto paternal; tudo era possível, crueldades impossíveis de imaginar. Um imenso amor transformado num ódio implacável.

Augusta, de volta ao palácio, foi levada ao seu pai.

Ele, - muito esperto, conseguiu fingir sem problemas - tratou de convencer a sua filha a perceber as suas razões e pôr fim às suas orações cristãs (ele, pelo menos, assim acreditava).

Augusta, ao contrário, pela força do seu carácter e pela clareza das suas ideias, parecia o seu pai. Era inflexível. Declarou-se cristã e estava disposta a morrer para não ter que negar a sua fé. Matrucco teve que assumir a sua primeira derrota.

Depois de desabafar a sua ira com insultos e ameaças, ordenou aos seus guardas que trancassem Augusta na prisão.



Santuário de Santa Augusta: Loggia na frente na entrada do antigo Santuário, construída na época das obras de expansão. (1450-1452)

O MARTÍRIO

A tradição diz que Cita, a fiel governanta, desesperada pelo que estava a acontecer, tratou de estar o mais perto possível de Augusta para a confortar e animar.

No dia seguinte, Matrucco tornou a interrogar a sua filha que, mesmo sendo tão jovem, não se intimidava com nada e mais uma vez se opôs claramente às intenções de seu pai.

Ele, então, decidiu recorrer à tortura.

A história do martírio pelo qual passou Augusta nas mãos do seu pai parecia algo impossível se não fossem os muitos outros incidentes parecidos que mostram a crueldade humana.

Só um homem vítima de suas superstições ancestrais e possuído por uma força satânica poderia chegar ao ponto de torturar e matar a sua filha com tanto sadismo.

Matrucco dá ordens ao seu servo para arrancar dois dentes da boca de Augusta, talvez com a intenção não só de maltratá-la, mas também de estragar seu branco e tenro sorriso.

Depois de vários dias passado no cárcere, humilhada em vestimenta não mais de princesa, mal alimentada e obrigada a dormir no chão frio, Augusta foi levada outra vez a seu pai.

Surpreso pela calma e comportamento tão alegre da sua filha, Matrucco tentou mais uma vez, de todas as maneiras, fazer com que ela desistisse da sua fé. Porém, tudo em vão.

Atacado por um excesso de fúria, o rei partiu para o segundo ato de martírio e que pensava ser o último: a fogueira.

Augusta, que desprezava e renegava a religião de seus antepassados, não merecia talvez a morte reservada aos traidores?

Os soldados pegaram na menina e colocaram-na de mãos e pés amarrados sobre um amontoado de madeira que se encontrava nos arredores da muralha do castelo. E incendiaram a fogueira.

Mas, para espanto dos presentes, ela não sofria nenhum mal porque o Senhor queria confirmar com um milagre a verdade da religião que ela havia abraçado.

A agonia de Cita, que presenciava o tormento daquela criatura que por diversas vezes era também a sua, parecia parar aquele cruel momento. Não durou muito tempo.

Agora a mente de Matrucco, completamente perturbada, já não era capaz de raciocinar e seu coração estava petrificado.

De nada tinha servido o milagre que acabava de presenciar e que provavelmente teria pensado ser algum tipo de poder mágico.

A tradição diz-nos que, fechando-se na sua crueldade, o seu pai natural pensou imediatamente num outro modo de submeter a sua filha a um outro terrível suplício.

Mandou preparar uma roda cheia de pontos de ferro cortantes e curvas.

A seguir, ordenou que se amarrasse firmemente o corpo de Augusta sobre a roda pois, com o rodar desta, os seus membros seriam arrancados. Mas Deus interveio com outro milagre.

Quando os servos de Matrucco iam girar a roda, um anjo desceu do céu sobre a montanha, com uma luz resplandecente, um rosto sereno e armado com uma

grande espada; com um só golpe, quebrou a maldosa máquina, para o espanto e terror dos presentes.

Assim sendo, ao saber o que se estava a passar no alto de Marcantone, muita gente teria ido até lá para assistir. Pode muito bem ser verdade que, devido aos milagres e ao comportamento heróico de Augusta, muitos se teriam convertido aí ao cristianismo. Matrucco, pensando nessa possibilidade, sem demora acelerou a tragédia.

Augusta, totalmente absorvida pela graça do Senhor, já não vivia mais nesse mundo e estava ansiosa para chegar ao céu.

Como Odin – a associação é de livre interpretação – que havia sacrificado a sua filha Brunilda, a valquíria, para a punir por uma leve desobediência – assim Matrucco apegado às suas superstições monstruosas e mergulhado num orgulho sem limite, ordenou a um seu servo que sacrificasse a sua filha.

Entre a comoção e o terror daqueles que estavam presenciando estes acontecimentos, a espada caiu como um relâmpago sobre o colo da menina, enquanto seu sangue começava a escorrer pelo chão. Depois de um testemunho tão glorioso, a alma de Augusta entrou no Paraíso para receber a nobre coroa da virgindade e do martírio.

Estas palavras que usamos para descrever algo tão grande chegam a ser inadequadas. Não conseguem expressar tantos pensamentos e possuem uma certa racionalidade e um conteúdo substancial.

Augusta tornou realidade as palavras do Eclesiástico: “O justo não será nunca esquecido. Não desaparecerá a sua memória e o seu nome viverá de geração em geração.” (Eclesiástico 39, 12-13).

TRAGÉDIA DE UM PAI

A tradição conta que, depois do delito, Matrucco transformou a sua fúria num amargo arrependimento e dor.

Vencido o orgulho, que havia cegado sua mente e o levou a cometer uma atrocidade terrível, andava de um lado para ou outro a proclamar a inocência da sua filha e a venerar o seu nome.

Com a esperança de aliviar de alguma maneira o remorso que consumia o seu coração, ordenou que o corpo de Augusta fosse enterrado numa tumba maravilhosa e mandou esculpir na pedra a história do seu martírio.

Assim condenava a si mesmo a rejeição dos próximos e perpetuava pelos séculos futuros a memória da sua filha.

Matrucco buscava, em vão, a paz e o descanso.

Até que um dia os cidadãos de Serravalle o viram abandonar o seu imponente palácio e partir com seus fiéis seguidores para retornar ao seu país na Europa do Norte.

Não podia mais suportar a vista daqueles lugares, por mais lindos que fossem. Tinham sido palco de um crime horrível.

Se Augusta ganhou o céu – não cabem dúvidas – com suas ferventes orações, a infinita misericórdia de Deus terá acolhido em seu manto Matrucco, dando-lhe a graça que respeita plenamente a liberdade humana, e prevalece por vontade.



Luigi Cillo. Santa Augusta entre Serravalle e Concórdia – Estado de Santa Catarina, Brasil. 1999

A GLÓRIA DE AUGUSTA

A lenda não é certa sobre o destino de Cita. Nada se sabe sobre o modo como essa mulher, tão cheia de virtudes e fiel à promessa feita à mãe de Augusta, terminou os seus dias.

É provável que os últimos anos de sua vida tenham sido dedicados a um constante exercício de caridade e práticas religiosas: até que o Senhor a chamou.

Foi enterrada junto a Augusta, com quem divide o título de “Santa” e o altar.

Assim, Augusta foi sempre venerada como a santa do povo de Serravalle e dos peregrinos que durante todos esses séculos com devoção sobem ao Monte Mercantone, principalmente no dia de sua festa, a 22 de Agosto.

Esta é a história de Santa Augusta, protectora da ilustre Vila de Serravalle.

A sua breve passagem não diminui a sua importância, talvez só aumente o seu encanto.

Assim como um sonho ou uma miragem, tocam profundamente a alma, com muita emoção.

A vida da mártir nunca foi esquecida e a sua história foi passando, ao longo dos séculos, principalmente na região do Vêneto que difundiram o seu culto também para o exterior.

Como pudemos saber recentemente, foram construídos dois santuários dedicados a ela por emigrantes venetos, no final do século XIX; um no Brasil (Braço do Norte, no Estado de Santa Catarina) e outro na Argentina (em Cuchilla Redenda, na província de Entre Rios). Para completar, as gerações mais jovens até hoje também demonstram interesse na mártir.

Não poderia ser doutro modo. O sacrifício de Augusta representa a vitória dos valores ligados ao Evangelho sobre as paixões e tragédias mundanas.

Ao lado da gloriosa tumba da filha de Matrucco, as palavras do antigo profeta parecem ecoar: “Espalhai bom perfume como incenso e florescei como o lírio. Espalhai perfume e entoai um cântico, bendizendo ao Senhor por todas as suas obras”. (Eclesiástico 39,18-19).

No alto da montanha, a antiga igreja de Santa Augusta será para sempre um símbolo de uma fé forte como uma rocha.

E neste lugar santificado, muitos corações apagados serão atraídos pela luz da verdade e pela chama da caridade.

Para Serravalle e a Diocese, Santa Augusta é um dom de Deus e um sinal de profecia.

O VALOR DE UMA LENDA

Acabamos de contar, seguindo a versão episódica, o que se conhece da vida de Santa Augusta, segundo a lenda.

Se os mais velhos cederam aos costumes medievais de reconstruir histórias através de imagens poéticas, isto não significa que esta não tenha a intenção de transmitir a memória de Santa Augusta como uma real personagem histórica.

A lenda, se não é uma fonte, é a ilustração de uma verdade histórica, é a herança de uma cultura.

O culto a Santa Augusto baseia-se numa tradição milenar que nunca deixou dúvidas e se confirma através da existência do santuário que desde sempre acolhe os peregrinos, principalmente no dia 22 de Agosto, festa da padroeira.

Infelizmente evidências e arquivos foram perdidos, a maioria devido a destruição e saques sofridos por Serravalle nos séculos passados.

Lembramos alguns dados importantes.

Um documento de 1234 cita o " bispo St.e Auguste idest Roncha Bigoncci."

Os estatutos de Serravalle de 1360 falam de Santa Augusta.

Em 27 de Março de 1450, durante um período de obras no santuário, foram encontradas relíquias de Santa Augusta.

Em 1851 vem publicada a primeira biografia da mártir, escrita pelo célebre estudioso e cidadão de Serravalle Minuccio Minucci (1551-1604), que também foi arcebispo de Zadar.

Em 1630 os cidadãos de Serravalle fizeram um voto a Santa Augusta para conseguir – e tiveram êxito - a graça de serem preservados da peste.

O Santuário, localizado numa posição encantadora, é acessível por um caminho inclinado, parcialmente pavimentado com degraus intercalados.

Ao longo do caminho encontram-se seis capelas, construídas em 1642 que, junto à igreja de Santa Maria Nova, evocam – também devido ao nome – as sete mais importantes basílicas de Roma.

Em 1643, a Santa Sé concedia as indulgências das sete basílicas romanas também àqueles que com devoção tinham feito a subida do Monte Mercantone.

O raro privilégio continua vigente já que a “Sacara Paenitentiarum Apostólica” as confirmou in perpetuum, pela última vez com seu decreto de 6 de Maio de 1968, a pedido do bispo de Vittorio Veneto, Albino Luciani.

Em 22 de Março de 1754, devido à petição do bispo de Ceneda Lorenzo Da Ponte, o Papa Bento XIV com um especial “Decreto” da Congregação dos Ritos, aprovou solenemente o culto a Santa Augusta.

O tão esperado “reconhecimento” foi celebrado pelos cidadãos de Serravalle com diversas celebrações religiosas e cívicas memoráveis.¹

¹ Para saber mais sobre as origens e desenvolvimento do culto prestado à nossa Santa, o leitor poderá consultar: R. Bechevolo, Santa Augusta Virgem e Mártir de Serravalle, Vittorio Veneto, 1991.



Santuário de Santa Augusta, capela da mártir: Santa Augusta num ato de escutar um grupo de fiéis que oram. Afresco sec. XV (part)

ORAÇÃO A SANTA AUGUSTA

A ti, Santa Augusta, que brilhas nos céus com a glória da virgindade e do martírio, confiamos com fé a nossa oração.

A ti, que viveste os anos da tua breve vida terrestre, entregando-te inteiramente a Deus e à caridade, concede-nos ser, seguindo o teu exemplo, fortes na fé, coerentes com o testemunho da vida cristã, generosos na abertura dos nossos corações para acolher o próximo e para transmitir amor a todos os nossos irmãos.

Confiamos na tua ajuda para poder superar as provas e os sofrimentos. Abençoa as nossas famílias, as nossas paróquias, o seminário da diocese e concede à Igreja novas vocações sacerdotais, diaconais e de vida consagrada.

Faz com que um dia possamos contemplar contigo o Pai, Filho e o Espírito Santo, com todos os nossos queridos na pátria do céu. Amém.

Vittorio Veneto, 27 de Março de 2000.

+ Bispo Alfredo

Tradução foi realizada pela
Sr.^a Bruna Pacios Esposito
(Julho de 2010)
e
revisão feita por
Domingos Ribeiro da Costa
ribeiro@libero.it

